

# Trabalho e subjetivação juvenil em experiências do ProJovem Urbano de Porto Alegre

Autora: Letícia Eli P. de Campos – Grupo PET Psicologia  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Nair Iracema Silveira dos Santos  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
E-mail: lcampospoa@gmail.com



SER UM JOVEM  
COM FORMAÇÃO  
PROFISSIONAL



## Introdução

Este estudo está em desenvolvimento e insere-se em um projeto maior intitulado “Políticas Públicas e Juventude: Micropolíticas em experiências de educação e trabalho”.

Esses são temas que vêm sendo discutidos no âmbito nacional e internacional. No entanto, a relação do jovem com o trabalho, o modo como se constitui sujeito trabalhador, carece de estudos mais aprofundados. Problematizamos, portanto, como o jovem se relaciona com essa experiência, como se insere no campo do trabalho enquanto sujeito de direitos e deveres previstos em estatutos, programas, políticas públicas, enfim, elementos que compõem práticas discursivas, constituindo, assim, modos de ser jovem.

## Análise dos dados

Os documentos analisados enunciam um jovem que necessita de um olhar mais aproximado, uma vez que estaria em “condição de vulnerabilidade”. Por isso, justificam que o ProJovem necessita abranger o trabalho como uma das maneiras de inserir o jovem no campo social. Referem-no como alguém que deve ser “produtor de si, de cultura”, que precisa “desenvolver habilidades” para sua ocupação profissional. Os professores reforçam nas entrevistas que o jovem é responsável pela sua qualificação e que deve “correr atrás”. No discurso dos jovens, o trabalho aparece como uma possibilidade de gerir a própria vida, passando a ser constitutivo da autonomia, ainda que as experiências se deem na informalidade. Desenhasse, dessa forma, um discurso mais amplo que exalta o esforço próprio, falando de um jovem responsabilizado pelo seu sucesso/fracasso, mesmo que não existam condições sociais para que este obtenha êxito.

Esses discursos passam a engendrar um modo de subjetivação pela autonomia e pelo empreendedorismo atravessados por uma culpabilização do jovem. Assim, ao enunciar a vulnerabilidade no sentido de apoiar propostas para uma juventude com poucos recursos financeiros e sociais, o que está em jogo é a normalização desses jovens de modo que se constituam sujeitos produtivos e empreendedores de si. Nesta racionalidade liberal, onde todos são responsáveis pelo capital, seja ele subjetivo ou objetivo, os jovens - como virtuais trabalhadores - integram o conjunto de elementos estratégicos para o desenvolvimento do país.

## Objetivos

Pretende-se nesta pesquisa analisar como os jovens estudantes do ProJovem, sujeitos com trajetórias singulares, experimentam o trabalho, tanto na informalidade quanto na formalidade, a partir do programa e para além dele, considerando-se experiências anteriores e posteriores ao programa.

## Metodologia

Estudo qualitativo, utilizando-se do referencial de Michel Foucault para análise discursiva, pondo em relação:

• Documentos oficiais do Programa Nacional de Inclusão de Jovens – ProJovem Urbano, tais como:

- Estatuto da Juventude;
- Projeto Pedagógico Integrado;
- Plano Nacional da Juventude;

• Entrevistas com jovens já formados e outros em formação no programa;

• Entrevistas com ex-educadores e educadores do programa.

## Considerações Finais

Partimos do suposto de que a juventude é um discurso que aparentemente se sustenta através de processos de subjetivação que conformam modos de ser jovem. Temos o trabalho como uma prática que passa a integrar também as práticas juvenis, no sentido de produzir jovens responsáveis, dóceis, disciplinados, e que sejam qualificados e competentes. Por outro lado, temos um discurso que diz de jovens em situação de vulnerabilidade e que portanto são vítimas da violência urbana e rural, da exclusão, da marginalidade. Essa lógica, segundo Foucault, relativa a uma educação e uma cultura do perigo, aparece no liberalismo, no século XIX. Há, então, risco sempre à espreita de que o jovem se torne perigoso ou sofra algum perigo. Assim, o trabalho como pauta de formação para as juventudes, passa a ser estratégia das políticas públicas no Brasil e no mundo capitalista, inserindo-se os jovens num campo de normalização pelo trabalho. Nesta lógica, os programas de formação operam na constituição de um sujeito jovem trabalhador e, portanto, ajustado à racionalidade de Estado em contexto neoliberal.

## Referências:

FOUCAULT, M. Nascimento da Biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BRASIL, Secretaria Geral. Projeto Pedagógico Integrado. Brasília, 2008.

[http://www.planalto.gov.br/secgeral/juventude/arquivos\\_projovem/PI%20%20VERS%C3%20FINAL.pdf](http://www.planalto.gov.br/secgeral/juventude/arquivos_projovem/PI%20%20VERS%C3%20FINAL.pdf)- Acesso em agosto de 2009.

